



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 68
2016

COLÓQUIO
TERRAMOTO DE LISBOA. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

LARGO DUQUE DE CADAVAL (LISBOA): EVIDÊNCIAS DE UMA CATÁSTROFE

Tânia Manuel Casimiro¹, Mariana Almeida², Teresa Barbosa³

¹ Instituto de História Contemporânea – FCSH/UNL / Instituto de Arqueologia e Paleociências – FCSH/UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses / tmcasimiro@fcs.unl.pt

² Instituto de História Contemporânea – FCSH/UNL / Instituto de Arqueologia e Paleociências – FCSH/UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses / mariana.brit.almeida@gmail.com

³ Arqueóloga

Resumo

Em 2006 foi efectuada a escavação de parte do antigo palácio dos Duques de Cadaval em Lisboa, edificação do século XVII que ficou muito destruída com o Terramoto de 1755. Identificaram-se diversos compartimentos que faziam parte daquele edifício tendo-se reconhecido diferentes tipos de construção, revestimento das paredes e pavimentos. Cada um destes compartimentos tinha funções específicas, públicas ou privadas, condicionando a cultura material identificada no seu interior.

Palavras-chave: Lisboa, Terramoto, Incêndio, Palácio.

Abstract

In 2006 an archaeological excavation revealed part of the Duque de Cadaval palace, a 17th century construction destroyed in 1755 during the Lisbon Earthquake. Several compartments/rooms of that building were identified each one with specific construction types, different walls and floors. These compartments had public or private functions what seems to have been a condition for the type of material culture found.

Keywords: Lisbon, Earthquake, Fire, Palace.

1. INTRODUÇÃO

Remontam a 2006 os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Largo Duque de Cadaval, em Lisboa (a Sul da Estação de Comboios do Rossio, no sopé da colina de São Roque), no âmbito do cumprimento de medidas de minimização de impacto de obra, cuja finalidade passou pela requalificação urbana e arquitectónica do local, com a instalação de infra-estruturas de saneamento e águas pluviais. A intervenção ficou a cargo da empresa Teixeira Duarte Lda, promotora da obra, e coordenada por uma das signatárias (T.B.). Os trabalhos desenvolveram-se entre Setembro e Outubro, sendo intervencionada área com cerca de trinta metros de comprimento por quatro metros de largura (Fig. 1).

As evidências arqueológicas consistem em vestígios de uma casa de grandes dimensões, irremediavelmente destruída durante grande cataclismo, que acreditamos tratar-se do Terramoto de 1755. A cultura material associada aos contextos arqueológicos, nomeadamente a Faiança Portuguesa e a porcelana, demonstram que o abandono do local foi consumado durante a segunda metade do século XVIII (Barbosa *et alii*, 2007).

2. O SÍTIO

Identificaram-se nove compartimentos que acreditamos coincidirem com algumas das dependências do Palácio dos Duques de Cadaval que, segundo informações históricas e cartográficas, ruiu com o Terramoto de 1755 e consequente incêndio (Fig. 2) (Sousa, 1955: 13). Intervenções anteriores, alguns anos antes, coordenadas por Ana Vale, tinham identificado a presença de outros compartimentos, um dos quais contendo, no seu interior, grande quantidade de cadinhos. Desconhecemos a data concreta da construção deste edifício que se sabe ter ocorrido algures na segunda metade do século XVII. Os compartimentos reconhecidos durante a escavação foram identificados numérica e sequencialmente em função do seu aparecimento. Neste sentido, o compartimento 1 corresponde ao primeiro a ser

escavado. Diferentes tipos de cultura material, associados a distintos pavimentos, permitiram inferir diferentes funcionalidades.

O compartimento 1 ofereceu paredes revestidas a azulejo de padrão, com motivos geométricos e vegetalistas, coincidente em ambas paredes, em tons de amarelo e azul, característico de meados do século XVII. No corte este, o lambrim dos azulejos inflectia para cima, denotando a presença de escada, facto que nos levou a considerar este compartimento como corredor de acesso ao primeiro andar. O pavimento era constituído por lajes de grandes dimensões (0,60 m por 1,30 m) executadas em pedra calcária. Atendendo a estas evidências, acreditamos estar perante uma zona pública do palácio ou um corredor que daria acesso ao piso superior, com vestígios de um primeiro degrau, também em calcário. Não se pode dizer que este chão é uma solução incomum atendendo ao seu aparecimento em diversas escavações em Lisboa, nomeadamente na cozinha e copas do palácio dos Marqueses de Marialva (Marques e Fernandes, 2006: 199). Na parede norte reconheceu-se o arranque de uma porta, com ombreiras igualmente em calcário, mas que não foi possível escavar. Acreditamos que daria acesso a outro compartimento.

A divisão 2 revelou paredes revestidas a estuque branco, bastante danificado, em função do incêndio que destruiu o edifício. Daqui foi recolhido fragmento de coluna, em gesso, ornamentada a branco e negro que, devido à ausência de bases ao nível do solo, devia pertencer ao segundo piso. O chão deste compartimento era composto por restos de tabuado, muito destruído e queimado, associado à descoberta de diversos pregos, de dimensões variáveis.

Aquando do seu aparecimento, o compartimento 3 foi interpretado como uma única sala. Contudo, com a escavação da camada 2 foi identificada, a arrancar do muro norte, parede edificada em estuque e tijolo, cuja espessura não ultrapassava os 0,15 m, adossada posteriormente, surgindo a sala 4 e criando duas divisões independentes (Fig. 4). Relativamente aos compartimentos 3 e 4, que inicialmente

constituiriam apenas um único espaço, aquele era revestido por tijoleira de cor vermelha (0,40 m por 0,20 m), solução muito comum nas construções coetâneas e identificada em diversas escavações, tais como no Palácio Corte-Real, no Cais do Sodré (Vale e Marques, 1997: 128), e novamente no Palácio dos Marqueses de Marialva (Marques e Fernandes, 2006). O curioso desta divisão passa pelo facto de ser a única na qual conseguimos reconhecer a continuação da ocupação no momento pós-Terramoto, quando ocorre a sua divisão interna. Talvez não tivesse ficado assim tão destruído e foi possível ali encontrar abrigo na sequência do evento destrutivo. A funcionalidade primitiva deste espaço é mais difícil de prognosticar, atendendo que a cultura material identificada foi associada à ocupação pós-Terramoto, com cerâmicas de cariz doméstico.

O compartimento 5 parece tratar-se de via de acesso a pátio central do complexo palatino. O pavimento apresentava empedrado de seixos (típico de arruamento), organizado, com excelente qualidade. A ausência de telhas, derrubes e cinzas, ao contrário do que se identificou nos restantes espaços, revela que se tratava de zona a céu aberto. O material exumado neste contexto era constituído, quase exclusivamente, por objectos de metal, grande parte deles identificados como arreios de cavalos, argolas para os prender e objectos similares. Destaca-se a quantidade de vidraça branca aqui identificada, restos das janelas externas do palácio. Os empedrados constituídos com seixos são dos pavimentos mais frequentes em Lisboa e foram reconhecidos tanto no Palácio Corte Real e Largo do Corpo Santo ali ao lado, como no dos Marqueses de Marialva à semelhança de diversas outras escavações, normalmente associados a pisos externos, tais como pátios, ruas e praças, muito embora não se possa excluir o seu uso interno em casas menos abastadas.

O compartimento 6 apresentava chão argamassado e paredes sem revestimento. A partir daquele acedia-se, através de três degraus em pedra de lioz, a sala de grandes dimensões, pavimentada a tijoleira, pelo que podemos estar perante um corredor de acesso ou despensa que não necessitaria de embe-

lezamento parietal ou um chão sólido destinado a ser pisado frequentemente. O pavimento identificado no compartimento 6, o maior de todos, é pouco expressivo tratando-se apenas de uma argamassa de fraca consistência, de tom rosado, atribuído pelos restos de tijolo empregues. Na verdade, esta era apenas a parte inferior de um compartimento cujo chão seria revestido a madeira. Na parede sul deste compartimento foram identificados seis negativos na parede, revestida a argamassa, no interior dos quais se reconheceram restos de matéria orgânica semelhante a madeira queimada e pregos. Tal facto leva-nos a crer que os negativos sejam locais de encaixe de grandes barrotes de madeira, suportados pelo facto de que negativos semelhantes, alinhados com os anteriores, existiam na parede oposta, a norte. Estes constituíam o suporte do tabuado que formaria o chão daquele espaço (Fig. 5).

O compartimento 8 encontra-se anexo ao 7, por entrada situada a sul. Por ser de pequenas dimensões parece tratar-se de corredor de acesso a outras dependências a oeste, área que a escavação não abrangeu. O acesso ao compartimento 7 era feito através de degraus em calcário que surgem no compartimento anterior. Estes degraus sobrelevam-no em cerca de 0,50 m relativamente ao seu congénere anterior. O chão encontra-se revestido a tijoleira semelhante ao que foi identificado nos compartimentos 3 e 4, e rigorosamente com as mesmas dimensões. A mesma solução foi encontrada para o revestimento do chão do compartimento 8. Relativamente ao piso do compartimento 9 não foi possível identificá-lo por estar abaixo da cota de afectação da obra.

Deste modo, e tendo em conta os dados que pudemos aferir da análise estratigráfica, podemos considerar que a destruição do Palácio Duque de Cadaval não se deveu ao Terramoto propriamente dito, mas ao incêndio daí decorrente.

3. O ESPÓLIO

O local não ofereceu espólio em abundância, no entanto, a colecção é representativa da cronologia de

destruição do espaço (Fig. 6). A categoria cerâmica mais abundante trata-se de cerâmica comum, sobretudo louça de cozinha e armazenamento. Entre os vinte e quatro (24) objectos recolhidos destacam-se as panelas, de corpo globular, asas verticais e bordo aplanado superiormente e caçoilas, hemisféricas, seguidas pelos cântaros, púcaros e apenas uma taça. Maior parte da louça revestida a vidro de chumbo demonstra igualmente um carácter utilitário com diversas taças hemisféricas e garrafas, de colo alto, que serviriam sólidos e líquidos, num total de onze (11) recipientes. De destacar a existência de dois objectos, um pote e uma tampa, revestidos a vidro verde de chumbo. O pote, com asas horizontais é construído com pasta vermelha micácea sugerindo uma produção local. A tampa apresenta uma pasta mais clara e é decorada com rostos de senhoras (Fig. 7). Uma peça com decoração semelhante foi encontrada no Palácio dos Marialva, no largo de Camões, igualmente em contexto de destruição provocada pelo Terramoto, no entanto trata-se de possível queimador com rostos de meninos (Marques e Fernandes, 2006). É difícil inferir se será de produção nacional ou uma importação. Peças semelhantes, também com pastas rosadas, são produzidas em Saintonge (França) em finais do século XVII e inícios do século XVIII. A sua ausência em abundância dos contextos lisboetas setecentistas e o facto de as duas únicas peças que se conhecem ter sido recolhidas em contextos abastados, pode ser um indicador da sua produção exógena.

Foram recolhidos igualmente onze (11) recipientes em faiança, pequena colecção integralmente produzida em Lisboa. A tipologia dos recipientes é característica de meados do século XVIII com taças hemisféricas, pratos sub-troncocónicos e um covilhetes (Fig. 6). A decoração aposta nas linhas concêntricas azuis com pequenos apontamentos fitomórficos muito estilizados, no entanto predomina a decoração dita de contas, que se sabe ter sido produzida desde a segunda metade do século XVII até aos meados do século XIX (Casimiro, 2013).

Este tipo de colecções, ainda que nem sempre publicadas, é sobejamente recuperado em diver-

sos contextos arqueológicos de Lisboa e arredores, relacionado com o Terramoto de 1755 ou nos anos seguintes (Casimiro, 2011; Oliveira e Silva, 2016).

Foram recolhidos quatro pratos e uma taça em porcelana chinesa (Fig.8). Se exceptuarmos um prato cuja data de produção pode recuar aos finais do século XVI, todos os outros exemplares podem ser colocados cronologicamente já nos inícios e meados do século XVIII. Não é inédita a sobrevivência, por mais de uma geração de peças em porcelana. Mesmo uma presença recorrente nas casas lisboetas foram sempre consideradas peças especiais que iriam à mesa das classes mais abastadas (Henriques, 2013). As peças setecentistas podem ser reconhecidas em pequena taça decorada com a técnica *bleu poudre*, possivelmente fabricada durante o reinado Kangxi (1662-1722) onde uma cartela foi deixada em reserva e no seu interior pequena flor foi delineada a castanho (Matos, 2003: 74). De cronologias afins foi recuperado fragmento de prato decorado a *grisaille* e ouro, possivelmente fabricada durante o reinado Qialong (1735-1799), a par de um prato azul e branco com decoração vegetalista. Um outro exemplar revela pertencer ao que normalmente se designa de família rosa cujo fabrico se iniciou durante o período Yongzheng (1723-1735).

De entre as centenas de fragmentos de vidro recolhidos na escavação, apenas sete deles correspondem a recipientes tipologicamente atribuídos à primeira segunda metade do século XVII ou inícios da centúria seguinte. Reconheceram-se três copos, dois cálices e duas garrafas. Não nos é possível atribuir para já uma proveniência concreta a estes objectos, no entanto, o seu cariz utilitário leva-nos a pensar em produções locais ou regionais, semelhantes a achados em outros contextos associados aos séculos XVII e XVIII, nomeadamente em Lisboa e outras cidades próximas (Ferreira e Medici, 2010; Medici, 2005). O restante espólio vítreo é o resultado da destruição das janelas, que apresentam sinais de terem sido submetidos a temperaturas elevadas.

A pouca abundância de espólio mostra que, ainda que não consigamos atribuir funcionalidade específica a cada um dos compartimentos, não deve-

mos considerar a sua ocupação doméstica, devido à ausência de objectos do quotidiano habitacional. De facto o compartimento que ofereceu maior número de materiais foi o 3/4, possivelmente resultado da breve ocupação pós-terramoto. A análise estratigráfica demonstrou que exceptuando este pequeno local o restante edifício foi abandonado num único momento, quando o palácio ruiu.

Parcas são as informações acerca de objectos em metal, tanto de adorno como de construção, para contextos modernos, em Portugal, sobretudo durante o século XVIII. A maioria dos metais encontrados no Largo Duque de Cadaval trata-se de pregos, de variadas dimensões, num total de 125 objectos, encontrados sobretudo associados aos compartimentos 2 e 6 onde acreditamos que o piso seria de madeira. Um destes pregos era feito em liga de cobre, com uma cabeça bem polida que pode ter pertencido a qualquer peça de mobiliário. Foram ainda recuperados, ainda que em avançado estado de degradação, três dobradiças, duas chaves e três fechaduras, muito fragmentadas. No compartimento 2 apareceram cinco arcos de barril ou de balde, que é provável que tenham pertencido ao mesmo objecto. Grande parte dos metais, nomeadamente 14 fivelas de grandes dimensões e 27 argolas (Fig. 9) foram recuperadas no compartimento 5 que acreditamos tratar-se de zona de acesso, ao ar livre, para pátio interior e onde se deviam prender os animais. Peças afins são sobretudo identificadas como partes de arreios (Clark, 2004). No total foram recuperados 190 objectos metálicos.

4. OS AZULEJOS

O conjunto exumado neste arqueossítio compreende 2086 exemplares, dos quais 180 se encontravam *in situ*, ainda na parede do compartimento 1 (Fig. 3). Foram recuperados nos compartimentos 1 a 7, sendo que os compartimentos 8 e 9 não ofereceram qualquer fragmento. Todos os azulejos recolhidos encontravam-se indiscriminadamente nas camadas 2 e 3, que correspondem ao momento do colapso da estrutura após forte incêndio.

Metodologicamente, utilizou-se no presente estudo a tipologia desenvolvida por Santos Simões para a designação dos azulejos de padrão do século XVII. Quanto aos azulejos figurativos do século XVIII, devido ao seu estado de fragmentação, foi impossível fazer a reconstituição dos painéis, nem mesmo recuperar a temática dos mesmos.

A distribuição dos azulejos pelos compartimentos parece não estar relacionada com o seu tamanho. Efectivamente, os compartimentos 6 e 1, respectivamente o maior e o menor, apresentam números muito semelhantes, enquanto o segundo menor compartimento ofereceu um dos maiores conjuntos. Estarão estes números relacionados com a funcionalidade dos espaços? O compartimento 5, de dimensões consideráveis, é o terceiro em número de azulejos. Este corresponderia a uma zona de passagem ou permanência de cavalos ou carruagens, pelo que é pouco provável que exibisse revestimento azulejar nas paredes. Os exemplares recolhidos devem provir de andar superior ou da face oposta das paredes que o delimitavam.

O compartimento 6 é aquele que maior quantidade de fragmentos do século XVIII ofereceu, bem como maior variabilidade de padrões do século XVII, embora em pequena quantidade. A maioria dos azulejos *sui generis* pertence também a este compartimento.

Quanto ao compartimento 3-4, um dos mais pequenos, foi o que ofereceu mais azulejos, a maioria dos quais de padrão. Novamente este factor pode ser devido ao colapso do primeiro andar e dos azulejos aí existentes.

O padrão principal é o P-73, de módulo 3x3 em que as tarjas são substituídas por dois elementos que se completam e em cuja intersecção se encontra um azulejo de “ponta de diamante” (Simões, 1997a: 25). No entanto, neste caso esse padrão é substituído pelo padrão P-4, sem eixo de rotação e que se completa a si próprio, é usado para guarnecer composições de caixilho compósito, sendo pouco frequentes (Simões, 1997a: 25). Tradicionalmente a cercadura destas composições são os chamados “dentes de lobo”, C-34 (Simões, 1997a: 145).

Trata-se de um padrão que faz a transição das composições de caixilho compósito para as composições de padronagem, que apresenta uma estrutura um pouco diferente daquela preconizada por Santos Simões. Apresentam silhares rectangulares brancos na parte inferior da parede, como é habitual nestas composições, mas a complementa-los encontramos os padrões F-10 e C-71, muito frequentes em Portugal, mas não habitualmente relacionados com caixilhos compósitos e têm uma utilização bastante dilatada no tempo.

Completando o espaço da composição deixado pelo P-73 encontramos o padrão P-11, um padrão de 2x2 que possui um único eixo de rotação e não permite ligações de continuidade laterais. Tal como o anterior, este era usado para enriquecer este tipo de composições e é o mais comum deste tipo (Simões, 1997a: 31). Exemplares destes padrões também se encontram em todos os restantes compartimentos, embora não *in situ*, pelo que se depreende que o esquema descrito acima seria o utilizado nos restantes compartimentos.

Foram recuperados 60 exemplares de enxaquetado, de três tipos diferentes, correspondendo a 3% do total. Reconhecem-se assim, enxaquetados verdes (1), azuis (22) e brancos (37), todos de formato rectangular, sensivelmente com 16x4 cm. Distribuem-se de forma pouco uniforme pelo espaço, apenas se encontraram enxaquetados brancos no compartimento 1. O exemplar verde foi recuperado no compartimento 6 e os azulejos azuis foram exumados nos compartimentos 2, 3-4, 6 e 7, em quantidades sensivelmente semelhantes (3, 5, 5 e 9, respectivamente).

Parece-nos que não estamos perante uma composição enxaquetados de xadrez, pois esta necessitaria de exemplares de outros formatos (quadrados e triangulares) que não foram encontrados nesta escavação. Tendo em conta este factor, e a presença de exemplares enxaquetados brancos em posição original no compartimento 1, formando um friso inferior, podemos inferir que os restantes exemplares seriam utilizados de forma semelhante nos restantes compartimentos. Podemos também cogitar se os

azulejos de enxaquetado azul seriam utilizados em conjunto com os painéis figurativos com pintura de azul e branco pela aproximação cromática.

A colecção em apreço apresenta onze tipos diferentes de padrão, correspondendo a 1593 exemplares (76% do total), e estão representados em todos os compartimentos. Neste grupo encontramos sete padrões (927, correspondendo a 44%), um friso (290, 14%) e quatro cercaduras (376, 18%).

Para além dos padrões já mencionados, quando foram tratados os azulejos encontrados *in situ* (P-73, P-11, C-71 e F-10), outros oito padrões foram exumados nesta escavação. São eles P-4, P-43, C-76, P-110, P-203, P-604, C-98 e C-1.

O primeiro destes, P-4, é um padrão de azulejo único, que se auto-completa e não oferece ligações laterais, concebido para preencher o centro de composições de caixilho compósitas, à semelhança do P-11. Partilham a mesma cronologia de princípios do século XVII até cerca de 1630 (Simões, 1997a: 25). O padrão P-43, de 2x2/1, com um esquema de estrela e cruz, da família das laçarias que conta com diversos padrões que apresentam ligeiras variações entre si. É muito recorrente em Portugal e apresenta uma cronologia da primeira metade do século XVII (Simões, 1997a: 32). A cercadura C-76 faz parte da chamada família das "cercaduras novas", sendo muito frequente e com uma cronologia de cerca de 1630 a 1680 (Simões, 1997a: 150-154).

Os restantes padrões (P-110, P-203, P-604, C-98 e C-1) contam com um número muito reduzido de exemplares, (1, 1, 3, 1 e 2, respectivamente). Encontram-se fragmentados mas conservam uma porção de decoração suficiente para a sua segura atribuição tipológica. Todos foram recolhidos no compartimento 6, aquele que apresenta maiores dimensões. Devido ao seu escasso número é pouco provável que formassem o padrão completo a que pertencem, possivelmente estariam incluído em composições de outros padrões como acrescento após algum tipo de remodelação ou queda dos originais.

O fragmento, quase completo, da cercadura C-98 merece uma menção individualizada por apre-

sentar características singulares. Esta cercadura é pouco comum (Simões, 1997a: 151), ao contrário dos restantes motivos com poucos exemplares, o que por si só é interessante. O motivo decorativo, que mostra um elemento fitomórfico central ladeado por duas folhas de acanto dispostas verticalmente e elementos de ligação laterais com metade de um motivo fitomórfico em cada extremidade, oferece um contorno num tom escuro de manganês nada habitual neste tipo de desenho mas característico das composições figurativas dos finais do século XVII que fazem a transição da policromia para o azul e branco, sensivelmente entre 1670 e 1680 (Correia, 2005: 19; Meco, 1989: 64). Para além disso, o tom geral da decoração é pouco cuidado e até um pouco *naïf* e simplista, desajustado dos demais azulejos de padrão deste conjunto.

Nesta contagem não está incluído o exemplar de cantoneira exumado no compartimento 3. Este apresenta o típico perfil em L, com duas superfícies esmaltadas e apresentando um padrão que não se encontra elencado na tipologia de Santos Simões. Este apresenta um esquema decorativo a azul e branco, com meia flor em cada extremidade e folhas de acanto ligando-as de forma cruzada. As cantoneiras são tradicionalmente utilizadas em frontais de altar, o que não parece ser aqui o caso, pois mais nenhum azulejo se coaduna com essa tipologia específica. Quanto a cronologia, este tipo de azulejos foi utilizado durante todo o século XVII, chegando aos princípios do século XVIII (Meco, 1989: 162-163), pelo tipo de decoração que este exemplar específico apresenta pensamos tratar-se de uma composição de entre 1650-1680, contemporâneo dos azulejos de padrões a azul e branco.

Os azulejos figurativos desta coleção são 379 (18% do total), distribuídos pelos compartimentos 1 (25), 2 (28), 3 (14), 4 (10), 5 (2), 6 (271) e 7 (29). Como se pode verificar, o compartimento 6, o maior, é aquele que ofereceu a maioria destes azulejos.

Os azulejos encontram-se muito fragmentados na sua maioria, impossibilitando a compreensão do tema dos painéis e mesmo a percepção de quantos painéis estão representados no conjunto. Por não

se terem encontrado fragmentos de cercaduras policromas podemos afirmar que os painéis figurativos presentes neste conjunto foram produzidos antes do avanço da policromia do período Rococó, portanto, pertencentes à primeira metade do século XVIII.

No entanto, existem alguns exemplares completos ou quase completos (54) mas correspondem a uma porção de céu com largas pinceladas de uma aguada muito diluída de azul de cobalto, parte de paisagem de fundo com esponjados ou sequências de linhas horizontais, parte de frisos. Entre os exemplares que merecem destaque encontram-se duas figurações antropomórficas (recolhidas no compartimento 6), uma apresenta um rosto masculino, barbado, com um chapéu cuja identidade não nos é possível apurar, com o mesmo estilo encontramos outro fragmento com um pé e parte de uma perna. O estilo utilizado é cuidado, com traços finos e gradações entre um azul forte e a aguada. Provavelmente composições pertencentes já à grande produção joanina (Meco, 1989, 61) O outro antropomorfo apresenta-se jovem, com uma grinalda de flores na cabeça e o início de asas, pelo que se deve tratar de um anjo ou querubim. Parece segurar uma cornucópia ou recipiente com flores, possivelmente estaria inserido numa composição de índole mitológica, tão ao gosto da época. O seu traço é grosso e pouco cuidado, elaborada apenas em gradações de aguada de azul de cobalto indicando tratar-se de uma figura secundária na composição, possivelmente pintada por um aprendiz.

Dois fragmentos encontrados no compartimento 6 mostram uma composição fitomórfica (túlipa) a duas variantes de azul, com contorno e pormenores a violeta em fundo amarelo vibrante. Este esquema cromático é consistente com as composições figurativas portuguesas do século XVI, dos quais os azulejos presentes na igreja de São Roque são um bom paralelo. A pasta e dimensões remetem para produções lisboetas.

Também do compartimento 6 provêm dois fragmentos de figura avulsa, reconhecíveis por mostrarem a típica flor nos cantos. Um deles apenas exhibe

a dita flor, muito estilizada, com quatro pétalas ovais separadas por linhas rectas. O outro fragmento é ligeiramente maior e mostra, para além da flor estilizada no canto (diferindo da anterior por apresentar pétalas circulares levando a crer que se tratam de azulejos distintos), apresenta também parte do motivo central, fitomórfico, provavelmente um cravo. Cronologicamente este tipo de azulejos baliza-se entre os finais do século XVII e a primeira metade do século XVIII, ainda que aqueles que aqui apresentamos, pelas características da pequena flor de canto devem situar-se no segundo quartel do século XVIII (Meco, 1989: 145).

No compartimento 1 encontramos três fragmentos (dois dos quais colam) de um azulejo que aparenta pertencer ao padrão P-74, ou seja, a ligação lateral de uma composição de caixilho compósita cujo centro é ocupado por pontas de diamante. Apesar desta atribuição tipológica, estes fragmentos não foram incluídos na contabilização dos azulejos de padrão por exibirem características distintas das demais, que até nos levam a ponderar tratar-se de uma produção exógena, visto este motivo em particular ser fortemente influenciado por azulejos espanhóis. A pasta é cor-de-rosa escura, muito bem depurada, com tendência a deixar pó nas mãos, o esmalte é mais baço que os demais, as cores são mais claras com recurso a aguadas de cobalto e o traço é fino e bem marcado. A própria espessura da peça, 1,9 cm, não se coaduna com a espessura das peças portuguesas, que neste conjunto ronda, em média, os 1,5 cm.

O conjunto azulejar aqui apresentado levanta algumas questões de interpretação do sítio arqueológico. A presença de alguns exemplares singulares e azulejos de padrão isolados pode indicar a presença de entulhos provenientes de outros edifícios ou de outras divisões do palácio que não foram intervencionadas. Esta suspeita ganha mais peso quando combinada com a construção do muro que separava os compartimentos 3 e 4 após o enegrecimento do lajeado, portanto, depois do Terramoto. Poderá esta área ter sido habitada imediatamente após a catástrofe, num sistema de habitação provi-

sória improvisada como aconteceu em vários pontos da cidade.

Apesar da ideia generalizada que os azulejos de padrão apenas figuravam em igrejas e capelas, não cremos estar perante uma dessas estruturas, e os azulejos recolhidos in situ indicam claramente uma zona de escadas, de acesso ao piso superior do palácio. Por outro lado, os fragmentos estão espalhados por áreas demasiado distintas, incluindo uma zona de passagem, para considerar essa hipótese. É ainda possível que o seu número seja menor do que o previsto devido a alterações, demolições e reazulejamentos dos edifícios. Santos Simões, no seu elenco de núcleos de azulejos de padrão do século XVII, enumera 626 locais com esta solução decorativa para o revestimento das paredes, dos quais 25 são laicos. A maioria corresponde a palácios da nobreza que ascendeu após a Restauração. No palácio dos Condes da Calheta, actual Museu Agrícola Tropical, encontramos azulejos de padrão em áreas menos nobres e azulejos figurativos de azul e branco nos salões (Simões, 1997b: 108-109), o mesmo sucedendo no palácio dos Marqueses de Fronteira em que os padrões estão em locais de passagem, corredores e escadarias (Simões, 1997b: 114-118). Na quinta do General em Borba, que pertencia inicialmente aos Condes de Galveias, os azulejos de padrão encontram-se no pátio e escadarias (Simões, 1997b: 211-212). Pensamos que seria este o panorama do palácio dos Duques do Cadaval, com azulejos de padrão na escada e salas do piso térreo e azulejos figurativos azuis e brancos, mais de acordo com a moda e gosto do século XVIII, nos salões do andar superior. Arqueologicamente já foram recuperados e publicados azulejos de padrão em contextos inequivocamente do Terramoto de 1755, como o caso do Hospital da Alcáçova do Castelo de São Jorge (Gomes *et alii*, 2003: 216-217).

5. DISCUSSÃO

A escavação no Largo Duque de Cadaval pôs a descoberto o que se acredita ser parte do Palácio dos Duques de Cadaval. É normalmente aceite que

a maior parte dos edifícios lisboetas sofreu danos irreparáveis decorrentes do sismo de dia 1 de Novembro de 1755 ou dos diversos incêndios por ele originados. O edifício que encontramos não foi exceção e diversas são as evidências da catástrofe.

A mais imediata é certamente a abrupta destruição de algumas das paredes que foram encontradas por exemplo, no compartimento 1, dos quais os azulejos *in situ* são evidência. No entanto, alguns relatos coetâneos sugerem que este palácio não ruuiu imediatamente com o grande abalo, mas foi fustigado por enorme incêndio que destabilizou a sua estrutura (Sousa, 1955: 13). Na verdade, as evidências desse incêndio foram encontradas em diversos locais da intervenção arqueológica. Evidências de madeira queimada junto ao chão do compartimento 2, restos de vidraças deformadas por acção do calor no compartimento 5 e até mesmo nos azulejos. Alguns exemplares apresentam o esmalte enegrecido e até mesmo danificado pela exposição a uma fonte de calor que terá certamente chegado pelo menos aos 800° para que o esmalte comece a escorrer ou criar bolhas consideráveis (Fig. 10).

Este fenómeno é transversal a todos os compartimentos, sendo que nos compartimentos 3-4 e 5 alguns fragmentos encontravam-se envoltos numa espessa cinza que apenas com dificuldade foi retirada aquando das lavagens. No entanto verificamos que há mais azulejos de padrão danificados pelo fogo que azulejos figurativos. Podemos considerar que se terá devido à colocação dos primeiros no piso térreo e dos segundos no piso superior que terá colapsado devido ao incêndio no piso inferior.

Por outro lado, o facto de o palácio não ter ruído imediatamente, pode ter levado a que aquele fosse visitado por ordem dos Duques de Cadaval, na esperança de recuperar alguns objectos de valor ou mesmo pilhado, como sabemos ter acontecido em diversos locais da cidade (Paice, 2008: 166-167). Fontes coevas dão conta destas actividades, bem como da sua rápida e dura perseguição pelas autoridades (Monteiro, 2012: 90-91). É tentador pensarmos que a fraca incidência de objectos do quotidiano poderá de facto estar relacionado com estas

actividades ilegais. Contudo, é provável que a sua ausência esteja sobretudo relacionada com a funcionalidade dos compartimentos identificados que nos parecem estar associados sobretudo a zonas de passagem e mesmo a uma área externa do palácio. A cultura material identificada no compartimento 5, entre os quais se destacam as fivelas e as argolas de arreios, demonstra que aquelas foram completamente ignoradas, se alguma vez visualizadas depois do Terramoto. Efectivamente, o compartimento que mais material ofereceu, sobretudo cerâmica utilitária, foi o 3/4, que acreditamos ter sido ocupado por breves momentos nos meses subsequentes. Lisboa era uma cidade em ruínas e qualquer espaço, desde que seguro, com paredes e telhado, deve ter sido utilizado como abrigo.

6. CONCLUSÃO

Acreditamos que, neste sítio arqueológico, os diferentes compartimentos estariam associados a diferentes funcionalidades, conclusões obtidas através das diferentes técnicas construtivas, revestimentos de paredes, diferentes pavimentos e cultura material associada a estes espaços. Noutros palácios, nomeadamente os dos Marqueses de Marialva, pavimentos e revestimentos de paredes semelhantes foram utilizados em compartimentos com funcionamento distinto. Neste sentido, lajes calcárias de maiores dimensões estariam associadas a zonas de passagem, tais como corredores e escadarias de acesso a pisos superiores, áreas onde as paredes eram normalmente revestidas a azulejo. Os pavimentos externos seriam executados através da combinação de seixos rolados, material de fácil aquisição e de simples reparação, sem grandes custos. Relativamente às zonas mais privadas da casa, a tijoleira e a madeira, na forma de tabuado, seriam os materiais escolhidos.

Estilisticamente, a sua organização obedece ao género de muitos dos palácios edificadas em Lisboa, bem como no resto do país, na segunda metade de seiscentos. Na capital destacam-se diversos exemplos como o Palácio de Alvor-Pombal, actualmente o Museu Nacional de Arte Antiga, o Palácio dos Condes da Calheta, onde funciona o já mencionado

Museu Agrícola Tropical, o Palácio de Fronteira, ou o já desaparecido palácio dos Estaus (Pinto, 1995).

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Teresa; CASIMIRO, Tânia; MANAIA, Rodolfo; SILVA, Telmo; TORRES, Andreia. (2007) – “Escavações no Largo Duque de Cadaval (Lisboa)”. *Al-Madan Online*, 15. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 8-9.

CASIMIRO, Tânia Manuel (2011) – “Estudo de espólio de habitação setecentista em Lisboa”. *O Arqueólogo Português*, 1 – S. V. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 689-726.

CASIMIRO, Tânia Manuel (2013) – “Evolução crono-estilística da faiança portuguesa”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural (pp. 351-367).

CLARK, John (2004) – *The Medieval Horse and its Equipment, c.1150-1450*. (Medieval finds from excavations in London, 5). London: Museum of London.

CORREIA, Ana Paula (2005) – “Azulejos do Século XVIII no Palácio de Belém” in Gaspar, D. (coord.) *Azulejos, estuques e tectos do Palácio de Belém*. Lisboa: Museu da Presidência da República, pp. 11-45.

FERREIRA, Manuela; MEDICI, Teresa (2010) – “Mould-blown decorative patterns on Medieval and Post-Medieval glass beakers found in Portugal (14th-18th century)” in Fontaine, C. (ed.) *D’Ennion au Val Saint-Lambert. Le verre soufflé-moulé. Actes des 23^e Rencontres de l’Association Française pour l’Archéologie du Verre* (Scientia Artis. Actes de colloque, 5). Bruxelles: Institut Royal du Patrimoine Artistique, pp. 401-409.

GOMES, Ana; GASPAS, Alexandra; PIMENTA, João; GUERRA, Sandra; MENDES, Henrique; RIBEIRO, Sandra; VALONGO, António; PINTO, P. (2003) – “Castelo de S. Jorge – balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos”. *Património Estudos*, 4. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 214-224.

HENRIQUES, José Pedro (2013) – “Do Oriente para Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de Época Moderna” in Teixeira, A.; Bettencourt, A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAçores, pp. 919-932.

MARQUES, Ant.º; FERNANDES, Lúcia (2006) – “Palácio dos Marqueses de Marialva. Intervenção Arqueológica na Praça Luís de Camões (Lisboa, 1999-2000)”. *Património Estudos*, 9. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 195-206.

MATOS, M.ª Ant.ª (2003) – *Porcelana Chinesa na Coleção Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MECO, José (1989) – *O azulejo em Portugal*. Lisboa, Edições Alfa.

MEDICI, Teresa (2005) – “The glass finds from Rua da Judiaria, Almada, Portugal (12th-19th century)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 535-569.

MONTEIRO, Nuno Gouveia (2012) – *D. José*. Lisboa: Círculo de Leitores.

OLIVEIRA, Filipe; SILVA, Rodrigo Banha da (2016) – “Faiança Portuguesa dos contextos de abandono do Hospital real de Todos-os-Santos (Lisboa): os dados do poço SE do claustro Nordeste” in Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds.) *Proceedings of the first international conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 91-100.

PAICE, Edward (2008) – *A Ira de Deus. O Grande Terramoto de Lisboa 1755*. Lisboa: Casa das Letras.

SIMÕES, João Miguel dos Santos (1997a) – *Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo I – Tipologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIMÕES, João Miguel dos Santos (1997b) – *Azulejaria em Portugal no século XVII, Tomo II – Elenco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SOUSA, M.ª Teresa de Andrade (1955) – *Subsidio para o estudo do Terramoto de Lisboa de 1755. Manuscrito coevo*. Lisboa: Neogravura.

VALE, Ana; MARQUES, João (1997) – “Escavações Arqueológicas no Largo do Corpo Santo (Lisboa): Estruturas do Palácio Corte-Real” in *II Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 123-132.

Compartimento	1	2	3/4	5	6	7
Pregos	5	50	12	8	48	2
Argolas	-	1	2	22	2	-
Fivelas/arreios	-	-	2	12	-	-
Fechaduras	1	-	2	-	-	-
Tachas	-	-	1	-	-	-
Arcos de barril	3	-	2	-	-	-
Chaves	1	-	1	-	-	-
Faiança	4	-	5	-	1	-
Cerâmica comum	5	4	8	2	2	1
Cerâmica vidrada	2	2	5	-	1	-
Porcelana	-	-	5	-	-	-
Vidros	-	-	7	-	-	-
Azulejos	361	197	845	225	338	117

Tabela 1 – Distribuição dos achados por compartimento.



Figura 1 – Vista geral da escavação.

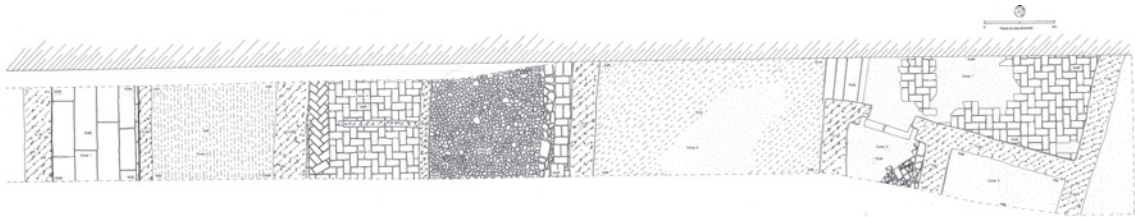


Figura 2 – Representação gráfica da área escavada.



Figura 3 – Azulejos *in situ* no compartimento 1.



Figura 4 – Compartimentos 3 e 4.



Figura 5 – Negativos na parede do compartimento 6.

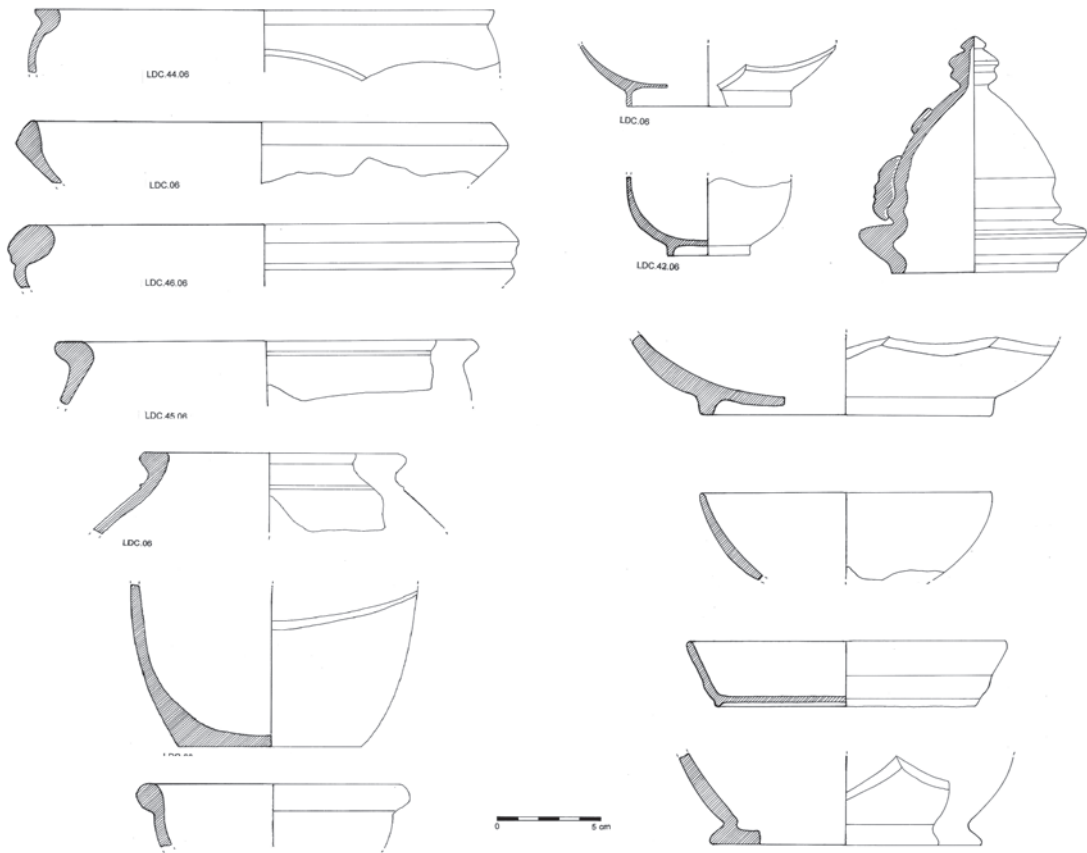


Figura 6 – Formas de cerâmicas recuperadas na escavação.



Figura 7 – Tampa em cerâmica vidrada a verde.



Figura 8 – Porcelanas recuperadas na escavação.



Figura 9 – Objectos metálicos recuperados no compartimento 5.

Azulejos de padrão



Azulejos figurativos



Azulejos queimados

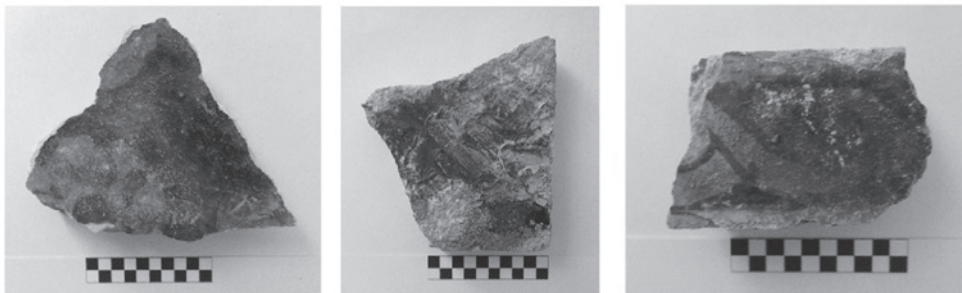


Figura 10 – Exemplos de azulejos recuperados no largo Duque de Cadaval.

